

Reforma do euro centra debate na cimeira dos sete do Sul da UE

28 DE JANEIRO DE 2017 ÀS 01:02

Patrícia Viegas

PUB

Migrações, terrorismo e segurança das fronteiras da UE são outros dos temas na agenda dos líderes de Portugal, Grécia, França, Espanha, Itália, Chipre e Malta, hoje reunidos em Lisboa

A urgência em reformar o funcionamento da zona euro é um dos temas centrais da cimeira informal dos países do Sul da Europa, que hoje decorre no CCB, em Lisboa, com a presença dos líderes de Portugal, Grécia, França, Espanha, Itália, Chipre e Malta.

"A União Europeia apenas poderá vencer os desafios que se lhe colocam se estiver unida e coesa. Para isso é condição necessária ter consolidado os avanços já alcançados - em particular o euro - antes de avançar para novos domínios de aprofundamento da integração", disse ao DN fonte do gabinete do primeiro-ministro António Costa.

Esta é a segunda reunião dos sete do Sul da Europa: a primeira foi em Atenas a 9 de setembro de 2016, por iniciativa do primeiro-ministro grego Alexis Tsipras (descrita por alguns media como uma espécie de aliança antiausteridade). Entre uma e outra muito aconteceu: Donald Trump tornou-se presidente dos Estados Unidos, Matteo Renzi demitiu-se da chefia do governo italiano após perder o referendo da reforma constitucional, Theresa May, primeira-ministra britânica, foi obrigada a pedir autorização ao Parlamento para ativar o brexit e Martin Schulz deixou a presidência do Parlamento Europeu para avançar como candidato do SPD a chanceler nas eleições legislativas alemãs de 24 de setembro.

Neste encontro de Lisboa, que acontece a dois meses das legislativas holandesas e a três das presidenciais francesas (onde os populistas de direita não param de subir nas intenções de voto), os líderes dos sete países irão preparar outros três eventos importantes: cimeira informal de Malta a 3 de fevereiro, o Conselho Europeu da Primavera a 9 e 10 de março e os 60 anos do Tratado de Roma, que serão assinalados a 25 de março. Analisarão ainda as conclusões do seminário sobre o euro, que decorreu na Fundação Gulbenkian no dia 24.

Costa irá promover o debate dessas mesmas conclusões, como sejam "um mix de políticas que conjugue a política do BCE com a coordenação das políticas dos Estados membros, a conclusão da União Bancária através da concretização do sistema europeu de garantia de depósitos, o reforço dos instrumentos europeus de apoio ao investimento público e privado, discriminando positivamente as economias afetadas pelos programas de ajustamento orçamental ou a criação de uma capacidade orçamental própria da zona euro", precisou fonte próxima de Costa. No encerramento do seminário, o chefe do governo defendeu que "importa assegurar a evolução do Mecanismo Europeu de Estabilidade na direção de um Fundo Monetário Europeu, explorando a sua ação no apoio à gestão mais eficiente das dívidas soberanas".

Numa altura em que volta e meia surgem notícias sobre a vontade do FMI em sair do resgate da Grécia (o

terceiro desde 2010), o debate sobre esse fundo europeu pode ganhar um novo impulso. "A candidatura de Schulz é uma excelente notícia para a Europa, sobretudo no contexto internacional. É uma alternativa sólida e credível. Se isso significa que ele caso vença as eleições na Alemanha acelerará um processo da união monetária, através da criação desse tipo de instrumento, não sei, ainda é cedo para se saber isso", afirmou ao DN Paulo de Almeida Sande, especialista em assuntos europeus e ex-diretor do gabinete do Parlamento Europeu em Portugal.

"Esta é uma daquelas reuniões antes de grandes combates que aí vêm, com várias eleições, na Holanda, França, Alemanha... Apesar de achar que estas cimeiras chegam atrasadas, sobretudo no que toca à crise do euro, é positivo. Defendo estas frentes de países. Não é para partir, para dividir, mas sim para tentar salvar", afirmou ao DN Viriato Soromenho-Marques. O professor catedrático da Universidade de Lisboa lembrou que já existe há muito, por exemplo, o grupo de Visegrado (que reúne os líderes da Hungria, Polónia, Eslováquia e República Checa).

Além do euro, economia, investimento e convergência, a segurança interna e externa das fronteiras, o terrorismo, as migrações e a cooperação com outros países do Mediterrâneo e de África são os outros temas em cima da mesa na reunião dos sete líderes hoje. "O arco temporal que vai da eleição de Trump às eleições na Alemanha é aquele que baliza o que pode sair da declaração de Lisboa. É preciso que ela afirme a integridade e os fundamentos da UE", considerou ao DN Bernardo Pires de Lima. O investigador universitário do IPRI alertou, porém, que "este é um ano avesso a grandes reformas, sobretudo ao nível do euro, até se saber o resultado das eleições alemãs".

OS SETE LÍDERES QUE PARTICIPAM NESTA CIMEIRA EM LISBOA

António Costa

Primeiro-ministro português é o anfitrião desta segunda cimeira dos países do Sul da UE. Socialista, de 55 anos, lidera o chamado governo-geringonça (PS apoiado por BE e PCP).

Alexis Tsipras

Primeiro-ministro grego lidera governo de coligação entre a coligação de esquerda Syriza e os nacionalistas de direita ANEL. Outrora um antitroika radical, Tsipras, de 42 anos, suavizou muito as suas posições e foi forçado a pedir um terceiro resgate. A Grécia é um dos epicentros da crise migratória na UE. Ontem a Turquia ameaçou cancelar o acordo de readmissão de migrantes com Atenas, depois de o Supremo Tribunal grego ter recusado extraditar oito suspeitos alegadamente ligados ao golpe falhado de julho.

François Hollande

Presidente francês não se recandidata às presidenciais de abril-maio em França. O partido de Hollande, de 62 anos, elege amanhã o candidato socialista a essas eleições. Devido à ameaça terrorista e a outros fatores, muitos eleitores têm-se virado para a candidata da extrema-direita Marine Le Pen.

Mariano Rajoy

Primeiro-ministro espanhol não esteve em Atenas devido à falta de acordo de governo. Rajoy, de 61 anos, viu o seu executivo do PP ser reconduzido em outubro graças à abstenção da oposição socialista.

Paolo Gentiloni

Primeiro-ministro italiano desde dezembro de 2016. Gentiloni, de 63 anos, do Partido Democrático, sucedeu a Matteo Renzi quando este se demitiu após perder referendo. Itália é dos países também mais visados pela crise migratória.

Nicos Anastasiades

Presidente cipriota desde 2013, Anastasiades, de 70 anos, teve de pedir um resgate. Político de direita, interage com a Grécia e a Turquia por causa das negociações de reunificação da ilha de Chipre. Estas têm tido alguns avanços nos últimos meses.

Joseph Muscat

Primeiro-ministro maltês é socialista e tem 43 anos. Malta, país atualmente na presidência rotativa da UE, enfrenta há vários anos o impacto da crise migratória no mar Mediterrâneo.

Para mais detalhes consulte:

<http://www.dn.pt/portugal/interior/reforma-do-euro-centra-debate-na-cimeira-dos-sete-do-sul-da-ue-5633076.html>

Global Notícias - Media Group S.A.

Copyright © - Todos os direitos reservados